



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

MADAIRE GOMES DA SILVA

**MEMÓRIAS DO TOCANTINS NO LIVRO *O PRIMEIRO PICOLÉ*, DE JOSÉ
FRANCISCO CONCESSO**

**ARAGUAÍNA-TO
2019**

MADAIRE GOMES DA SILVA

**MEMÓRIAS DO TOCANTINS NO LIVRO *O PRIMEIRO PICOLÉ*, DE JOSÉ
FRANCISCO CONCESSO**

Trabalho apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína como requisito parcial para aprovação na disciplina de TCC-II.

Orientadora: Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva

ARAGUAÍNA-TO

2019

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

S586m Silva, Madaire Gomes da .
MEMÓRIAS DO TOCANTINS NO LIVRO O PRIMEIRO PICOLÉ,
DE JOSÉ FRANCISCO CONCESSO. / Madaire Gomes da Silva. –
Araguaína, TO, 2019.
39 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português,
2019.

Orientadora : Luiza Helena Oliveira da Silva

1. Memória. 2. Literatura Tocantinense. 3. Crônicas. 4. Semiótica.
I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MADAIRE GOMES DA SILVA

**MEMÓRIAS DO NO LIVRO O PRIMEIRO PICOLÉ, DE JOSÉ FRANCISCO
CONCESSO**

Trabalho apresentado à UFT – Universidade Federal
do Tocantins – Campus Universitário de Araguaína
como requisito parcial para aprovação na disciplina de
TCC-II.

Orientadora: Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva

Aprovado em: 17 de junho de 2019.

BANCA EXAMINADORA



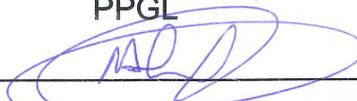
Professora Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva

Orientadora



Professora MSc. Érica de Cássia Maia Ferreira Rodrigues

PPGL



Professor Dr. Márcio Araújo de Melo

PPGL/LETRAS

Dedico esse trabalho à minha saudosa mãe, Egídia Farias da Silva, que me ensinou a sorrir e a ter fé mesmo nos momentos difíceis. Apesar de não estar presente fisicamente, ilumina os meus passos.

AGRADECIMENTOS

A Deus em primeiro lugar, pela oportunidade de existir e guiar meus passos, iluminando-me conduzindo pelos melhores caminhos.

Às minhas colegas do curso de Letras pelos conselhos demonstrados durante a vida. Com certeza, o fardo se torna mais leve com pessoas em que confio.

Às professoras Luiza Helena Oliveira da Silva e Danielle Mastelari Levorato pela dedicação, paciência e pelas palavras amigas e conselhos.

Enfim, à minha família que me deu força para ser a pessoa que sou hoje.

A memória é o essencial, visto que a literatura está feita de sonhos e os sonhos fazem-se combinando recordações.

Jorge Luís Borges

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 SOBRE A MEMÓRIA	15
3 O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	17
3.1 AUTOR E OBRA	18
3.2 SEMIÓTICA DISCURSIVA COMO METODOLOGIA DE ANÁLISE	22
4 VISÕES DO TOCANTINS PELO OLHAR DE UM MINEIRO ADOTADO PELA GENTE DO NORTE	26
<i>A. RUMO A ARAGUAÍNA</i>	26
<i>B. A PRIMEIRA DESOBRIGA</i>	28
<i>C. A NOIVA DO “PORENQUANTO”</i>	29
<i>D. O RIGOR DA CRUVIANA</i>	30
<i>E. TODOS POR UM</i>	33
4.1 FIGURAS DA PRECARIIDADE E DA DIFERENÇA	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	37
ANEXO	39

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo principal analisar a presença da memória e da vivência regional na obra “Meu Primeiro Picolé” (2004) do escritor mineiro, radicado no Tocantins desde os anos 1980, José Francisco da Silva Concesso. Visamos traçar uma relação da memória na literatura atribuindo ao exercício da memória a construção de imagens sobre o passado da região. O ato de lembrar é valoroso para a literatura, pois nela expomos nossa identidade que é recobrado com a lembrança tornando-se visível o íntimo à escrita. A pesquisa é de caráter bibliográfico e aborda os temas da memória, da biografia do autor, selecionando como corpus os textos que compõem a coletânea que mais de perto tomam como espaço para a narrativa a cidade de Araguaína e/ou seu entorno. Como fundamentação teórica para subsidiar as análises, mobilizamos a semiótica discursiva, privilegiando no recorte a dimensão da figuratividade. Como pretendemos mostrar, os textos que tratam de um tempo passado, muitas vezes impreciso do ponto de vista das datas evocadas, constituído como um “tempo do então”, trazem imagens da precariedade, do abandono, da ignorância, pressupondo um enunciador destinatário que avalia, mediante sua posição ainda como migrante recém chegado ao lugar, de uma perspectiva disfórica. Ao mesmo tempo, esse olhar sobre o passado acena para sua superação, no presente da escritura, quando o passado ali figurativizado é superado pelas transformações no espaço urbano e da cultura local.

Palavras-chave: Memória, Tocantins, Literatura no Tocantins, José Francisco Concesso

ABSTRACT

This monograph had as main objective to analyze the presence of the memory and the regional experience in the work "My First Popsicle" (2004) of the writer from Minas Gerais, who lived in Tocantins since the 1980s, José Francisco da Silva Concesso. We aim to draw a relation of memory in the literature assigning to the exercise of memory the construction of images about the region's past. The act of remembering is valuable to literature, for in it we expose our identity that is recovered by remembering to make the identity in writing visible. The research has a bibliographical approach, addressing the themes of memory, of the biography of the author, selecting as corpus the texts that compose the collection that more closely take as space for the narrative the city of Araguaína and / or its surroundings. As a theoretical basis to subsidize the analyzes, we mobilize the discursive semiotics, privileging in the cut the dimension of the figurativeness. As we intend to show, the texts dealing with a past time, often inaccurate from the point of view of the dates evoked, constituted as a "time of the time", bring images of precariousness, abandonment, ignorance, presupposing an enunciator destinador that evaluates , through his position as a migrant newcomer to the place, from a dysphoric perspective. At the same time, this gaze on the past beckons for its overcoming, in the present of writing, when the past there figurativized is overcome by the transformations in urban space and local culture.

Keywords: Memory, Tocantins, Literature in Tocantins, José Francisco Concesso

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Foto de José Francisco da Silva Concesso.....	18
Figura 2 – O escritor José Francisco Concesso, em sua residência, ao lado da pesquisadora.....	20
Figura 3 – Imagem da igreja de Rio Espera (MG), cidade natal de Concesso.....	21

1 INTRODUÇÃO

A memória é a arte de lembrar. Usando como matéria a experiência do vivido, é o sujeito inscrito no presente que constrói sentidos para o passado, que organiza os acontecimentos como narrativa, estabelecendo relações entre eventos dispersos, o que pressupõe que o passado é sempre reinterpretado ou ainda que nem tudo possa ser reconstituído. Lembrar é, portanto, também esquecer, na medida em que se privilegia o que é da ordem da intensidade, da relevância para o sujeito do sentir (SILVA, 2016).

A literatura é o lugar privilegiado da memória, como atesta o escritor argentino Jorge Luís Borges. No caso de nossa pesquisa, interessa-nos a memória que é construída pela literatura, pelas mãos de um escritor que reside há décadas no Tocantins, José Francisco Concesso.

Conforme o escritor, não se trata de buscar a “realidade” do passado, mas os sentidos que produz para o que viveu, deixando-se atravessar por sensações, impressões, pelo afeto:

Depois de quase sessenta anos é compreensível que a memória vacile e a fidelidade histórica possa ficar prejudicada. Além do mais, o objetivo destas linhas não é relato com a rigidez histórica, mas a contribuição para o resgate de uma cultura de um tempo que vai se perdendo pouco a pouco até desaparecer se ninguém se preocupar em registra-la (CONCESSO, 2004, p.14)

José Francisco Concesso é um homem de origem humilde que conquistou respeito e admiração dos seus conterrâneos com suas obras, mas também por seu trabalho inicialmente como padre e, mais tarde como educador. Foi o primeiro diretor da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Araguaína (FACILA), nos anos 80, quando a cidade pertencia ainda ao Estado de Goiás. Com as decisões sobre a instituição sendo definida na capital de Goiânia, a primeira faculdade do Norte do Estado enfrentava grandes desafios, conforme depoimento dado às alunas do curso de Letras e registrado do Projeto Político Pedagógico do Curso (2019).

[...] no Governo de Goiás, não havia nenhuma estrutura que acompanhasse o curso superior. Então, a gente viajava frequentemente daqui [Araguaína] para a capital [Goiana] (...). Eram de 18 a 20 até mais horas de viagem. Era um sacrifício muito grande. Chegando lá, às vezes, a gente ficava tomando “chá de cadeira” muito tempo. Eles ficavam confusos sobre como atender (...). Naquele tempo era muito difícil. Então... Quando começou, logicamente não se fizeram grandes pesquisas para a instalação dessa Faculdade. A

Faculdade foi instalada meio de improviso. Era mais um ganho político (...). Então, a FACILA foi criada sem nenhum planejamento, a não ser aquilo que o Ministério da Educação exigia que é a respeito de sede, de programação, de grade horária, de currículo, mas junto a corporação não existia absolutamente nada. (...) Naquele tempo foi de total improvisação. Se tinha (...) a grade, aqueles objetivos eram muito genéricos. Não existia um Projeto(...) tudo muito improvisado. (ARAGUAÍNA, 2019, p. 30)

Tendo um grande papel na educação no contexto araguainense, Concesso é ainda considerado de importância para literatura no Tocantins, tendo sido fundador e primeiro presidente da ACALANTO (Academia de Letras de Araguaína e Norte do Tocantins). Como defende Deboni, as academias de Letras desempenham um papel estratégico para fortalecimento da produção literária, sobretudo em cidades do interior do país: “as academias no Tocantins acabam sendo responsáveis também pelo aumento considerável dos livros publicados nas cidades onde se encontram (DEBONI, 2007, p. 61).

Nos relatos de Concesso, sua intenção é demonstrar para as pessoas como a cultura e a própria paisagem se modificam ao longo do tempo e, desse modo, muitos acontecimentos relevantes ou curiosos do passado podem se perder pela falta de registro. Se não registrado, o passado pode ser esquecido. Segundo Le Goff.

A memória é crucial, tanto por sua importância ímpar e fundamental nos modos de organização de identidade humana, quanto por essa organização realizar-se a partir do cruzamento entre as suas manifestações na esfera individual e coletiva. (LE GOFF, 1996, p. 11)

Nesse sentido, o objetivo principal de nossa pesquisa foi discutir a relação entre memória e literatura a partir da análise de contos e crônicas do livro “*Meu primeiro picolé*, de José Francisco Concesso” (2004). Conforme pretendemos aqui que a memória é o mote dos livros desse autor que traz nas narrativas curtas e quase sempre bem humoradas em diferentes momentos de sua vida, na infância na cidade mineira de Rio Espera, seus anos de estudo através dos seminários conjunto aos padres de sua terra e depois na Itália, por fim, os primeiros anos em Araguaína, apresentada então como muito diferente da cidade atual.

O tema da memória visa ao aprofundamento de saberes do campo de estudos na literatura, tendo em vista sua contribuição para as ciências humanas e para os novos escritos que exercerão o uso da memória.

O trabalho está organizado em três partes. Na primeira, abordamos a temática da memória. No segundo, discorremos sobre o autor e apresentamos o livro. No último, após considerações teóricas sobre a teoria que fundamenta nosso trabalho, a semiótica discursiva, apresentando análises, priorizando os contos que se situam no espaço do Tocantins.

2 SOBRE A MEMÓRIA

Segundo Silva (2016), a memória é sempre uma construção do presente, o que implica considerar também que diferentes sentidos podem ser apresentados ao passado, na medida em que o sujeito se transforma ao longo do tempo e, desse modo, pode ressignificar a própria experiência. Conforme a autora, essa reflexão se acha já em Santo Agostinho e orienta a perspectiva das análises semióticas que analisam os textos que tratam da memória (FIORIN, 1996).

A esse respeito, citando Changeux (1972, p. 356), esclarece o historiador Jacques Le Goff:

Todas as teorias que conduzem de algum modo à ideia de uma atualização mais ou menos mecânica de vestígios mnemônicos foram abandonadas, em favor de concepções mais complexas da atividade mnemônica do cérebro e do sistema nervoso: "O processo da memória no homem faz intervir não só a ordenação de vestígios, mas também a releitura desses vestígios" e os processos de releitura podem fazer intervir centros nervosos muito complexos e uma grande parte do córtex", mas existe "um certo número de centros cerebrais especializados na fixação do percurso mnésico" [Changeux, 1972, p. 356]. (LE GOFF, 1990, p. 424)

Desse modo, como salienta Le Goff, não se trata apenas de recuperar vestígios, mas de organizá-los, interpretá-los, num processo de "releitura", o que resulta de um complexo processo cognitivo. O passado só existe, assim, como discurso, como processo de interpretação. Do mesmo modo, não é possível, portanto, pensar a memória fora da subjetividade:

Como em qualquer outro tipo de narrativa, é a memória que incorpora o real, entendido como tudo que é considerado concreto, palpável e relevante. A memória faz conexões, realiza trabalho incessante, dinâmico, produtivo e seletivo. Nem tudo que é vivido pelo indivíduo será guardado e armazenado tal como foi. Pode-se dizer que o relato não tem estatuto de verdade, sendo antes uma verdade relativa, subjetivizada. Ao transmitir a sua versão/construção oralmente, o narrador o faz de acordo com as necessidades e possibilidades do presente, e é nesse momento que as lembranças deixam de ser memórias para tornarem-se histórias. (SOUZA, 2007, p. 12)

Se pensamos um sujeito em constante processo de reconfiguração de sua identidade, como um eterno devir, devemos considerar a memória como uma construção também em processo, porque ela se opera por parte de um sujeito inscrito na ordem da história.

Para Thompson (2002, p. 2015), a memória também envolve uma grande carga de afetividade, na medida em que: "A maioria das pessoas conserva algumas lembranças que, quando recuperadas, liberam sentimentos poderosos". Lembrar

significa reviver, recuperar emoções que poderiam estar enfraquecidas, o que implica tanto alegria, para os acontecimentos eufóricos, quanto tristeza, para os momentos difíceis de crise, sofrimentos, perdas. Diante da potência dos fatos passados, muitas pessoas não conseguem sequer narrar, como acontece com aquelas que foram vítimas de guerra ou de massacres como no caso dos judeus sob o jugo nazista. Além disso, as impressões sobre os fatos podem ser distintas segundo a perspectiva de diferentes pessoas que viveram em princípio o mesmo evento. Para isso contam a própria inscrição do sujeito em uma dada classe social, seu pertencimento a um gênero, sua formação acadêmica, sua ideologia, a sensibilidade ou a capacidade de solidariedade e empatia, etc.

Thompson (2002) também distingue a memória da tradição. Diferentemente da memória, a tradição é um conhecimento comum que é passado de geração em geração às pessoas e orienta como saber comum compartilhado a resoluções de problemas. Nesse caso, tem caráter atemporal. Já a memória imediata encontra-se muito mais próxima do sujeito que na tradição e mais perto também da subjetividade.

É necessário ainda considerar a memória socialmente compartilhada, o que nos leva a considerar que a subjetividade é simultaneamente atravessada pelo social: “Estudar os elementos que constroem e constituem a memória se faz deveras importante, pois a mesma está intrinsecamente ligada ao processo de construção da identidade, seja ela individual ou coletiva (LARA, 2016, p. 3).

Semelhante reflexão encontramos em Josso:

É assim que nossos fragmentos de memória individual e coletiva se transmutam em recursos, em fertilizante, em inspirações para que nosso imaginário de nós-mesmo possa inventar essa indispensável continuidade entre o presente e o futuro. (JOSSO, 2007, p. 435)

Ao analisarmos as memórias de Concesso em seus contos e crônicas, podemos, portanto, observar ao mesmo tempo a singularidade de sua narrativa, dada pelos recortes de eventos, pelos caracteres que mostram seu caráter afetante sobre sua condição de sujeito, mas, ao mesmo tempo, observarmos como contribui para a edificação de um passado para o Tocantins e, principalmente, para a Araguaína. Nesse sentido, narrar ajuda a inventar um passado, aquele que vai sendo construído e reconstruído pelo discurso da memória, seja ela o exercício

cotidiano de toda subjetividade, pelo fazer da gente comum, dos historiadores, dos poetas.

3 O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas (GIL, 2010). Pensamos também que se qualifica como pesquisa descritiva, uma vez que “delineia o que é”, aborda também quatro aspectos: descrição, registro, análise e interpretação de fenômenos atuais, objetivando o seu funcionamento no presente (MARCONDE, 2009)

Nossa pesquisa é de natureza eminentemente bibliográfica e, portanto, elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, essa modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos. Todavia, em virtude da disseminação de novos formatos de informação, estas pesquisas passaram a incluir outros tipos de fontes, como discos, fitas magnéticas, CDs, bem como o material disponibilizado pela internet (ANDRADE, 2010). Nesse caso, valemo-nos de artigos publicados em periódico *online*.

As fontes utilizadas basearam-se em obras científicas, periódicos científicos, teses e dissertações e artigos científicos. A biblioteca da UFT contém grande número de exemplares de livros técnico-científicos que servem como embasamento teórico preliminar para os autores, constituindo este o primeiro momento da revisão bibliográfica. O corpus da pesquisa é o livro de contos *Meu primeiro picolé*, de José Francisco da Silva Concesso, publicado por uma editora de Gurupi (TO), em 2004.

Várias leituras puderam familiarizar e proporcionar maior conhecimento ao tema proposto, contudo o levantamento bibliográfico preliminar trouxe a real necessidade de maiores estudos sobre a relação da memória com a literatura. Princípios pela leitura de Thompson (2002) e suas reflexões sobre a memória, sob a perspectiva da História Oral. A ele se seguiram textos que tratam especificamente tanto da relação entre literatura e memória, quanto a respeito da produção literária no Tocantins (SILVA, 2011; DEBONI, 2007; PALMAS, 2016).

O problema de pesquisa consiste em buscar identificar as imagens sobre o Tocantins ou, mais especificamente, a cidade de Araguaína, que emergem dos relatos de memória no livro de Concesso (2004), para isso foram selecionados como objeto de análise cinco contos. No sumário do livro *“Meu Primeiro Picolé”*, observamos que o autor organiza os contos a partir as localidades (Minas, Europa, Goiás/Tocantins) e períodos do tempo (infância, tempo da escola, estudos no seminário, atuação como vigário). Sem referência a uma localidade precisa, encontra-se a última parte, destinada a contos e ensaios, correspondentes a acontecimentos situados entre 1985 e 2004.

3.1 AUTOR E OBRA

José Francisco da Silva Concesso é mineiro da cidade de Rio Espera. Nasceu em 9 de março ano 1932, filho de Antônio Simão da Silva e Maria Eduarda Silva, dos nove anos de idade, deixou a cidade natal, indo morar com o farmacêutico Jose Colombo Rivelli, com a finalidade de estudar.

Fig. 1 – José Francisco da Silva Concesso



Fonte: <<http://acalantoarag.blogspot.com/2012/11/professor-concesso-e-o-escritor-da.html>> Acesso em: 14/04/2019

No Tocantins, Concesso é reconhecido como intelectual de destaque. Professor de Latim, direito, teologia e escritor, foi diretor regional de Educação pela Secretária Estadual de Educação. Sua vinda para Araguaína deu-se inicialmente no ano 1966, permanecendo na cidade até 1979. A partir de 1983 definitivamente, ali fixou residência, residindo até o presente com sua família. Aposentado em 2003, atua como vice-diretor da Faculdade Católica Dom Orione. Residiu em diferentes localidades como Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Lagoa Santa, Roma, Espanha e Cuba. Tendo estudado em seminário de orionitas, em Bunier, município de Ouro Preto, ordenou-se em 1965, em Roma.

Em 2017, a revista *Super Interessante* construiu um mapa literário em que situa os escritores mais importantes de seus respectivos estados. Dessa forma, José Francisco da Silva Concesso foi considerado o escritor mais importante do Tocantins por sua obra *Meu Primeiro Picolé*, com primeira edição em 2004. Suas produções incluem livros didáticos de latim, como *Primeiros Passos*, *Data Vênia*, *Análise Sistemática para Estudantes de Latim*, *Cassaletos Partanos*, ao lado de coletâneas de contos como *Meu Primeiro Picolé*, *Andanças*, *Educação de Balaio* e *Trem de Mineiro*.

O livro selecionado para esta monografia é *Meu Primeiro Picolé*, que recebe esse nome em função de um conto no qual Concesso narra sua primeira experiência com um picolé, ainda na infância no interior de Minas Gerais.

Não pude pegar meu picolé no primeiro dia, mas no dia seguinte, logo depois da aula, lá estava eu, firme, esperando minha vez. Valeu a pena! Depois de tantas horas de espera e de ansiedade, finalmente, numa tarde de verão de 1945, consegui experimentar o meu primeiro picolé. (CONCESSO, 2004, p. 32)

O livro concorreu a um edital da Secretaria Estadual de Educação e faz parte do acervo das bibliotecas escolares. Conforme Silva (2011), podemos encontrar no livro de Concesso o gênero crônica como narrativa de “causo”:

As crônicas de Concesso em parte configuram-se como narrativas de “causos”, visando produzir efeito de um prazer que lhe é típico: o humor subtraído de um olhar que registra o imprevisto ou a novidade diante do inusitado que irrompe na vida cotidiana. Como explicar o aparecimento do homem que solicita ao padre que reze uma missa por um falecido (“O recado do ‘Bem’”) senão como a irrupção do sobrenatural? Ou a surpresa de *Dona Filó* que, estando envolvida na procura do filho, encontra-o como assaltante de um ônibus no qual ela viajava (“Água fria na fervura”? Mas os

causos envolvem ainda a saudade, a pobreza, as más condições de trabalho nas fazendas do Norte, a violência. (SILVA, 2011, p. 55)

Em entrevista que realizamos junto a Concesso, em maio de 2019, recebemos em sua casa, doando-nos alguns de seus livros. Segundo nos informou, a decisão de fixar-se em Araguaína deu-se pelo fato de tornar-se diretor da primeira faculdade do então norte de Goiás: Faculdade de Educação e Ciências e Letras de Araguaína (FACILA). Suas influências e motivações para escrever textos literários partiram de sua convivência com a experiência profissional e cultura. É membro fundador da Academia de Letras de Araguaína e Norte Tocantinense (ACALANTO) que possui 10 cadeiras. Segundo o professor Francisco Concesso, suas influências foram os grandes cronistas brasileiros, especialmente Fernando Sabino.

Fig. 2 – O escritor José Francisco Concesso, em sua residência, ao lado da pesquisadora



Acervo da pesquisadora, em foto de maio de 2019.

Conforme atesta a tese de Mirian Deboni, as academias de Letras desenvolvem um papel fundamental para a atividade literária no Tocantins, uma vez que “acabam sendo responsáveis também pelo aumento considerável dos livros publicados nas cidades onde se encontram” (DEBONI,2007, p. 61). No caso da ACALANTO, essa instituição de fomento à literatura tem em Concesso o papel de fundador.

A ACALANTO - A Academia de Letras de Araguaína Norte Tocantinense - por sua vez foi fundada em 21 de abril de 2002. Inicialmente constituída por vinte e seis membros, hoje esse número é vinte e nove os quais, em sua maioria, são antigos moradores cidade, alguns, inclusive, já aposentados, ex-professores e ex-alunos da UNITINS – Fundação Universidade do Tocantins – da rede pública de ensino, e outros, ainda que exercem variadas profissões. A ideia de cria – lá foi sugerida ao professor Jose Francisco da Silva Concesso, seu atual presidente, por moradores de Araguaína. Segundo Concesso, apesar de, na da criação da ACALANTO, essa localidade ser uma das maiores cidades tocantinenses, não havia nela mecanismos de organização e divulgação da vida literária, daí, então a proposta de criar um espaço que funcionasse como acolhimento àqueles escritores que se encontravam no anonimato. Conforme o que ficou definido e registrado em ata, na primeira reunião preparatória para sua instalação. (DEBONI, 2007, p. 64).

Fig. 3: Imagem da igreja de Rio Espera (MG), cidade natal de Concesso



Fonte: https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g5461545-i225666918-Rio_Espera_State_of_Minus_Gerais.html. Acesso em: 14/04/2019

Para Concesso, era importante ter um compromisso com a produção literária e a organização de uma academia foi uma estratégia de reunião de escritores para a promoção e divulgação dessa produção.

3.2 SEMIÓTICA DISCURSIVA COMO METODOLOGIA DE ANÁLISE

Para análise dos contos de *Meu primeiro picolé*, mobilizaremos a semiótica discursiva, compreendida como teoria da significação. Com uma densa reflexão sobre a literatura, a semiótica busca descrever e explicar o que o texto diz, mas principalmente descrever e elucidar como ele faz para dizer o que diz (BARROS, 2005), levando em conta tanto as estruturas acrônicas constitutivas da textualidade quanto os procedimentos enunciativos que caracterizam as escolhas particulares operadas pelo sujeito da enunciação e que se inscrevem no âmbito da particularidade e da irrepetibilidade da produção textual.

Para Bertrand (2003), o texto é compreendido como um todo de significação que encerra em si as condições contextuais de sua leitura, o que deve ser interpretado não como uma negação das condições extratextuais que envolvem o contexto de produção e recepção, mas que a prioridade da análise semiótica incide sobre a organização interna do texto.

A partir das contribuições de Hjelmslev, a semiótica analisa os textos sob os dois planos da linguagem: da expressão e do conteúdo. Num primeiro momento, consideramos que as características da linguagem adotada pelo autor remetem a uma preocupação com o relato dos acontecimentos evocados pelo exercício da memória e caracterização de pessoas, lugares e tempos mais do que a um trabalho centrado na própria linguagem, do ponto de vista do significante. Diante disso, nossa atenção se volta para a análise do plano do conteúdo, deixando de lado questões relativas ao plano da expressão.

Com relação ao plano do conteúdo, a semiótica *standard* preconiza o denominado percurso gerativo de sentido, compreendido como simulacro das operações realizadas pelo sujeito no ato de produção do sentido. Esse plano do conteúdo compreende que a significação é estruturada em diferentes etapas de abstração, correspondendo ao princípio de que ler (os textos, o mundo, as relações sociais etc.) é ser capaz de fazer abstrações crescentes, partindo da dimensão mais superficial, complexa e concreta para as fases mais simples e abstratas (GREIMAS e COURTÉS, 2008). Cada nível desse percurso é descrito a partir de uma sintaxe e uma semântica particulares. Temos, assim, os níveis fundamental, narrativo e discursivo, sendo o primeiro o mais abstrato e o último o mais concreto.

Para este trabalho, selecionamos o conceito de figuratividade, inscrito na semântica do nível discursivo, e correspondente à etapa maior de concretização do sentido. Conforme Bertrand (2003), o conceito de figuratividade é uma apropriação da semiótica do termo advindo da estética, que caracterizava as produções artísticas em termos de arte figurativa ou abstrata. A partir dessa apropriação,

o conceito semiótico de figuratividade foi estendido a todas as linguagens, tanto verbais quanto não-verbais, para designar esta propriedade que elas têm em comum de produzir e restituir parcialmente significações análogas às nossas experiências perceptivas mais concretas. (BERTRAND, 2003, p. 154)

Compreendem-se como figuras os elementos que, nos textos, remetem a elementos que encontram existência no mundo natural. Por procedimentos enunciativos, referentes ao modo de remeter à realidade, como nas descrições e caracterizações, os textos predominantemente figurativos produzem efeito de referente. Não se trata de pensar a linguagem como uma analogia do mundo, mas como efeito de que se vale o próprio crivo cultural, compartilhado por enunciador (autor) e enunciatários (leitores). Ainda, seguindo Bertrand (2003, p. 154): “A figuratividade permite, assim, localizar no discurso este efeito de sentido particular que consiste em tornar sensível a realidade sensível: uma de suas formas de mimésis”.

Do ponto de vista da estruturação dos textos em gêneros, vemos que a cada gênero corresponde um modo particular de emprego da figuratividade. Nos contos, crônicas e demais gêneros narrativos, há uma predominância de figuras sobre os temas, estes compreendidos como categorias abstratas. Remetendo a parábolas dos evangelhos bíblicos, Bertrand (2003) fala da dupla constituição do discurso atribuído a Jesus, no papel temático de mestre. Inicialmente, Jesus se vale da narrativa no gênero parábola, fazendo uso de figuras como a do semeador, a das sementes, a de diferentes tipos de solo, para falar de algo um pouco mais abstrato: o modo como o evangelho seria ou não aceito pelo coração dos fiéis. Diante da dificuldade de compreensão desse discurso metafórico, que tratava da fé de modo emblemático, Jesus opta por traduzi-lo em seguida no discurso temático, quando os temas são diretamente explicitados.

Por essa razão eu lhes falo por parábolas:

'Porque vendo, eles não veem e, ouvindo, não ouvem nem entendem'. Neles se cumpre a profecia de Isaías: " 'Ainda que estejam sempre ouvindo, vocês nunca entenderão; ainda que estejam sempre vendo, jamais perceberão. Pois o coração deste povo se tornou insensível; de má vontade ouviram com os seus ouvidos, se fecharam os seus olhos. Se assim não fosse, poderiam ver com os olhos, ouvir com os ouvidos, entender com o coração e converter-se, e eu os curaria'.
(https://www.bibliaon.com/a_parabola_do_semeador/)

No exercício de produção de sentido, ler é conseguir estabelecer relações entre as figuras, tendo em vista que estas atualizam determinados temas. As figuras não podem ser meramente identificadas, mas consideradas do ponto de vista de uma rede de significação, que o leitor deve estabelecer em seu esforço de produção de sentido. Envolve o que a semiótica designa como isotopia, estratégica para a interpretação e que funda a perspectiva de coerência da análise, partindo do pressuposto de que as figuras não se acham aleatoriamente evocadas, mas concorrem para a produção do sentido do texto.

Apoiando-se de início na análise sêmica, a isotopia designa a iteração de semas ao longo de uma cadeia sintagmática. Essa iteração, que é a dos elementos de significação e não das palavras, das figuras e não dos signos, assegura a coesão semântica e a homogeneidade do discurso enunciado. (BERTRAND, 2003, p. 186)

Pode-se falar em isotopia temática (encadeamento de categorias abstratas) e isotopia figurativa (encadeamento de figuras), na medida em que tratam dessa reiteração que edifica a coesão semântica do enunciado.

Selecionamos a figuratividade para análise do corpus na medida em que nos interessa observar as imagens que são produzidas sobre Araguaína e localidades vizinhas, num momento em que se situavam ainda como pertencentes ao Estado de Goiás. Podemos recorrer ao passado pela narrativa histórica, pelo recurso a fotografias, reportagens, notícias, mas nossa opção incidiu pelo viés literário, capaz de trazer elementos para a compreensão do vivido por perspectivas não previstas pelos outros gêneros.

Conforme Rodrigues (2008) a literatura no Tocantins desenvolveu um importante papel no processo de fundação do Estado, servindo aos propósitos de um discurso fundador (ORLANDI, 1993). A questão, portanto, é: que imagens são fundadoras de um modo de constituição dos sentidos para Araguaína?

Há dois aspectos teóricos ainda a considerar. Um primeiro é o de que podemos compreender a enunciação na perspectiva de uma narrativa em que o

enunciador desempenha o papel actancial de destinador, levando o leitor (enunciatário) a aderir a sentidos, valores, um modo de compreensão da realidade. Pode ser visto, portanto, como um destinador, que se apresenta como aquele que viveu e que, por ter vivido e, portanto, também testemunhado, é capaz de trazer à luz para os que não viveram as mesmas experiências um dado saber. Isso se torna relevante quando vemos, por compararmos as imagens de então com as de agora, o quanto de transformações incidiram sobre as localidades, tornando quase irreconhecíveis as figuras evocadas. Que terra era essa outra Araguaína de que se fala? Que registros sobre seu passado podem ainda ser encontrados? Em que aspectos algo desse então ainda permanece?

Espectador, ator ou testemunha, seus contos trazem a perspectiva do humor, na medida em que acentuam muitas vezes o carácter imprevisto, curioso, inesperado, que caracterizava o momento de chegada à região e que podem, por isso mesmo, encantar o leitor de “causos”. Como quem traz um olhar de fora, ainda não exaurido pela familiaridade que torna as experiências sensíveis anestesiadas (GREIMAS, 2002), ressalta o que lhe assombra, o que concorre para que muitas vezes também julgue, mediante os valores culturais e expectativas que traz consigo. Nesse sentido, narrar é também sancionar, negativa ou positivamente, o episódio narrado, o que indica uma direção do olhar sobre o passado. Do que nos convence, então, esse escritor?

4 VISÕES DO TOCANTINS PELO OLHAR DE UM MINEIRO ADOTADO PELA GENTE DO NORTE

Em *Meu Primeiro Picolé*, como já dissemos, estamos à frente de narrativas que remetem a diferentes localidades.

O dia 31 de dezembro de 1961, foi o primeiro fim de ano em Roma. (...) Da Vila Delle Sette, vivíamos, atravessei o parque que nos separava do Coliseu e tomei a direção do Forro Romano, o maior testemunha de uma história de mais de dois mil anos quando Roma era a senhora do mundo. A direção era a do Gianicolo (CONCESSO, 2004, p.49).

Encontramos em *Meu primeiro picolé* cinco contos nos quais a narrativa situa os acontecimentos no espaço topológico de Araguaína. Apresentaremos a seguir uma análise de cada um deles, para, em seguida, observarmos as regularidades temáticas e figurativas que concorrem para a produção de uma imagem do lugar. Os contos selecionados são *Rumo a Araguaína*, *A primeira desobriga*, *A noiva do "Porenquanto"*, *O rigor da cruviana* e *Todos por um*.

A. RUMO A ARAGUAÍNA

Nesta crônica, o narrador de primeira pessoa descreve sua viagem para a cidade de Araguaína, o que teria se dado por vontade própria. A mudança se dá depois de morar em Roma por quatro anos. Em função da estada na Itália, ficou conhecendo outras culturas, vivenciou momentos diferentes, relatando as dificuldades enfrentadas por ser jovem e desconhecer a cultura daquele país. O primeiro momento de chegada à cidade do então norte de Goiás é de estranhamento, diante da novidade que se apresenta por esse lugar então desconhecido.

Na medida em que ia me aproximando de Araguaína, tudo era novidade. Acostumado às montanhas de Minas, agora trafegava em retas intermináveis. Uma delas com 43 km, entre Paraíso e Fátima. Sem subidas nem descidas, poucas curvas, raras pontes, só provocavam o sono já incentivado pelo cansaço da viagem. (CONCESSO, 2004, p. 55)

Registra suas impressões sobre a vegetação do cerrado, o clima muito quente, calor sempre constante e interessante gastronomia regional. A jovem cidade ainda era carente de serviços básicos e comunicação e, nesse sentido, o que aí se

reitera é a imagem de uma cidade em conjunção com a privação, o que se reitera pela repetição no uso da palavra “sem” na passagem abaixo:

A cidade ainda muito pequena era sem calçamento, sem esgoto, sem energia elétrica, sem telefone, sem correios. A correspondência só chegava depois de um mês aproximadamente. Vinha através das cidades vizinhas (150 Km) que tinham agência dos Correios, como Tocantinópolis e Carolina, no Estado do Maranhão. (CONCESSO, 2004, p. 56)

A mesma relação de privação se acentua mais adiante com as expressões “não tínhamos” e “era a única instituição financeira”:

Exceto a lambreta pilotada pelo Ir. Macário, não tínhamos outro meio de locomoção. (...) O Banco do Brasil era a única instituição financeira funcionando na época e atendendo a toda a região norte do estado. (CONCESSO, 2004, p. 57)

O narrador destaca e compara Araguaína a outras cidades então mais proeminentes, identifica a estrutura física desorganizada, percepção que pode ter sido aguçada pela vida em outros Estados do país e também pelas experiências no exterior. A imagem que daí se edifica é, portanto, de extrema carência, ineficiência dos serviços públicos, abandono.

Após o terceiro dia de viagem, saindo do Rio de Janeiro, Concesso chegava a Araguaína ao meio dia, descendo no local conhecido como hotel São Vicente onde também funcionava a rodoviária. Tratava-se, portanto, de um ponto relevante de referência. Teve uma recepção calorosa e amigável, por parte do padre Remigio Corazza e o irmão Macário Piastrella.

A crônica fala de seu trabalho como professor desenvolvido na paróquia juntamente com padre Remigio e Olivia Marbá. Ministravam suas aulas no Ginásio Santa Cruz, que seria posteriormente diretor. Na época, essa escola tinha apenas ensino médio.

Fala da prefeitura de Araguaína que dependia de equipamentos de outros estados para o fornecimento de sistema básico, como água encanada, por exemplo. O quartel era distante da cidade, pois se localizava em Filadélfia. Por esse motivo havia carência em segurança pública. Havia apenas um hospital, OSEGO, que era referência na cidade, abrigando médicos que vinham de outros estados.

Nestas três realidades podemos observar um padrão: a educação ainda precária, segurança e saúde, prioridades da população, ou seja, consequências de

uma cidade que ainda era jovem, mas que, pelo o olhar do migrante se apresenta sob a perspectiva do estranhamento e da privação, caracterizado pelas muitas disjunções.

B. MINHA PRIMEIRA DESOBRIGA

Nesta crônica, o narrador também em primeira pessoa comenta sobre a religiosidade e sobre a desobriga, que denomina as visitas realizadas na zona rural e povoados pequenos para garantir que os fiéis cumprissem seus deveres religiosos: casamento, batizado, crisma, confissão etc. A data destes acontecimentos não está definida no conto, mas o narrador informa que eram feitas duas vezes ao ano:

Eram viagens, em geral, a cavalo e com muito sacrifício e às vezes, até com risco de doenças, como a malária. (CONCESSO, 2004, p. 58)

A primeira visita da desobriga foi oferecida ao povoado Muricilândia¹ que fica ao norte do Estado do Tocantins, cujo nome era derivado de um rio da região, rio Murici. Os trabalhos desenvolvidos pela igreja nessas visitas eram casamentos, batizados, crismas e sacramentos: tudo isso era feito durante a missa. Um dos líderes mais importantes destas visitas era o Padre Remígio.

A única virtude que o padre tinha que exercitar, naquela ocasião, era a paciência". (CONCESSO, 2004, p.62)

O narrador relata que nesse evento havia patuscada e muito barulho por parte dos fiéis, mas, mesmo assim, o padre não se incomodava, pois era muito calmo com todos.

A crônica destaca a surpresa com a confissão de uma menina de apenas nove anos e com a ignorância religiosa do povo da cidade pequena. Os pecados cometidos não pareciam nada absurdos ao narrador: cortar o cabelo, fumar, outras coisas inocentes. Para esse espectador curioso, o pecado cometido pela menina foi utilizar um palavrão. Na realidade, era uma gíria usada nos anos 60: "É uma brasa, mora!" A expressão significava uma avaliação positiva, como os termos "top" e "massa" dos dias atuais.

¹ A história de Muricilândia se inicia em 1952, com a chegada de migrantes nordestinos. Sua fundação data de 1993. Cf: <https://muricilandia.to.gov.br/hista-ria-de-muricila-ndia/>. Acesso em 07 de junho de 2019.

O texto explicita o choque de cultura religiosa e de costumes diferentes registrados pelo narrador recém chegado à região. Um desses estranhamentos se dá com a narração do banho que o deixou bastante constrangido, pois era fora da residência, no quintal, construído com palha de babaçu sem portas e que cobria só até a cintura deixando outras partes do corpo descobertas. Ficou constrangido com as pessoas que o espiavam no banho. Dormir na rede era também algo novo e muito rústico para ele. Além disso, fala do medo das cobras e das doenças como malária que afligia o pessoal da região.

No banheiro havia uma bacia cheia d'água e um grande caneco com o qual deveria derramar a água no corpo a partir da cabeça. Chamavam esse tipo de banho de hissope, porque o banho comum era no rio. Como era a primeira vez que participava de ritual e com aquela assessoria, não posso negar que estivesse bastante constrangido. (CONCESSO, 2004, p. 60)

Dentre os fiéis que havia à desobriga, encontravam-se os seguidores de Manoel Borges, uma espécie de profeta que reunia em torno de si um grupo de romeiros. Residia no denominado 'Morro da Veia', onde construíra uma pequena igreja:

Sempre de branco e com enorme barba, mantinha esta turma de fanáticos que o acompanhava em tudo. (CONCESSO, 2004, p. 61)

Emergem novamente as imagens da precariedade, do atraso, do estranhamento, construindo um olhar disfórico sobre a região.

C. A NOIVA DO "PORENQUANTO"

Nesta crônica o narrador nos relata em terceira pessoa o registro de um casamento que acredita ter acontecido no ano de 1966, em Araguaína. Como relata, a cidade ainda era muito pequena com poucos habitantes, sem atender demandas estruturais básicas como água encanada, esgoto e energia elétrica.

O narrador conta a chegada de um senhor que aparentava ter uns cinquenta anos de idade acompanhado de uma jovens moças por volta de seus treze anos. Ambos acanhados, foram recepcionados pelo vigário:

Em que posso servi-los?
Estou querendo colocar os nomes para fazer o casamento da minha filha, disse-lhe o homem.
Onde mora o senhor? - inquiriu o pároco.
Porenquanto, respondeu secamente o homem.(CONCESSO, 2004. p.63)

O lugar que então chamado de Porenquanto ficava a uma légua da Jacuba, ou seja, aproximadamente cinco quilômetros da estrada para Babaçulândia, um pequeno povoado longe do centro de Araguaína. O homem que solicitava o casamento não possuía os documentos da moça, mas, mesmo assim, o vigário decidiu acreditar nas informações do homem.

O comércio da cidade era realizado aos sábados na Praça das Bandeiras, onde os feirantes exclamavam oferecendo seus produtos. Naquela época o *Armazém Paraíba* estava comemorando seu terceiro aniversário, pois já oferecia seus produtos com uso de propagandas na rua com utilização de um carro que transmitia o anúncio com o slogan: “*Armazém Paraíba, Sucesso em Qualquer Lugar*”. Hoje, décadas depois do caso relatado, o slogan permanece idêntico na cidade de Araguaína.

O conto fala do espanto da jovem noiva, ao passar em frente ao hotel São Vicente, onde se encontrava um cego tocando sanfona e cantando e um garoto pedinte com um prato. A moça fica abismada diante esse acontecimento para ela, surpreendente.

Seguindo a narrativa, o casal, a jovem e o homem, partiram novamente para Porenquanto de jegue, quando a jovem fez toda viagem calada e pensativa. Apesar de cansativa, a jovem pressentia que o destino era distante de sua terra natal e havia muitas novidades.

O interesse pelo acontecimento se centra na curiosidade da denominação do lugar – Porenquanto – assim como no modo como os pais de então tratavam do casamento das filhas ainda muito jovens. Ao mesmo tempo, evidencia a ausência de documentos por parte dos cidadãos que moravam em localidades ainda mais afastadas dos pequenos centros que abrigariam posteriormente cidades. Se Araguaína de então era precária em sua condição de cidade, era, contudo, o destino de sujeitos que moravam ainda mais afastados do poder público.

D. O RIGOR DA CRUVIANA

Nesta crônica o narrador nos relata uma história em terceira pessoa que começa com a vinda dos funcionários do Departamento Nacional de Endemias

Rurais a Araguaína. No ano de 1969, era um órgão que fazia parte do Ministério da Saúde. Cruviana era o vento frio que acontecia no verão, sempre na madrugada, às duas horas como dito pelo narrador. Relaciona-se também a crenças populares da região amazonense, relacionadas a lendas e contos fantásticos (Cf. <https://noamazonaseassim.com.br/amazonenses-esperam-noites-de-cruviana/>. Acesso em 10 jun. 2019), isto é, ao fenômeno da natureza das madrugadas do início do verão se associam as crenças locais.

Em um site que trata de lendas em Roraima, lemos a respeito da cruviana grafada em maiúsculo e antropomorfizada como uma deidade feminina:

A Cruviana aparece no início da noite de verão amazônico, que corresponde ao período com menos chuvas, especialmente nos meses de junho a agosto. A sua presença é inicialmente percebido como uma agradável e amena brisa que vai se ampliando e dominando o ambiente na forma de um intenso frio, úmido e penetrante, que, como se dizia nos nossos acampamentos, embrenha nos cobertores, roupas e chega até os ossos. A Cruviana dura toda a noite e desaparece com os raios solares dos dias de verão.

Diz a lenda do Norte que Cruviana seduz um forasteiro, chegando bem devagar, em forma de uma brisa que o envolve enquanto ele dorme deitado numa rede. No dia seguinte, o visitante diz-se completamente apaixonado. Cruviana é a Deusa do vendo, a mulher do alvorecer. (<https://clubebritasileirodetrensfantasmas.blogspot.com/2015/04/lendas-indigenas-de-roraima.html>. Acesso em 10 jun. 2019)

A chegada dos profissionais no estado de Goiás, cuja missão visava ao combate à febre amarela realizado através da vacina, se faz no período da seca, o da cruviana. Desde aquela época, a febre amarela já era tida como extirpada no Brasil, principalmente na região Norte, porém ainda surgiram alguns casos da doença, o que era um motivo de preocupação dos profissionais da Saúde. Esses profissionais faziam a manipulação adequada nas pessoas, com toda uma preparação, o que incluía o uso de um padrão de vestimentas como jalecos, calçado com sapatos brancos, crachá, além de todo os instrumentos necessários para vacinação. Esta era feita no Ginásio Santa Cruz, sob a direção de Pe. Macário. Também havia a companhia feita pelo vigário durante a missa para a população sobre a importância da vacina.

Fora da cidade, porém, no interior, os agentes de saúde tinham dificuldades de convencer as pessoas devido ao desconhecimento a cerca dos benefícios quanto aos efeitos da prática da prevenção. Por causa disso os agentes de saúde tiveram o apoio do vigário que fez o uso da fé convocando a população do interior às

missas para esclarecer a importância da vacinação. Um exemplo de grande resistência é narrado quando trata de empregados de uma das fazendas.

A crônica fala do difícil acesso a Arapoema visto que as estradas se encontravam em péssima qualidade. Para viajar na região, só era possível mediante jipes e aviões e o trecho de 80 km da rodovia Belém-Brasília que ligava Araguaína a Arapoema não possuía asfalto nessa época. O narrador observou, contudo, a forma carinhosa com que o pessoal da saúde foi recebido por *dona Maria do senhor Alindo*, que já os aguardava com um jantar de comida regional.

Depois de todo esse tempo comendo frito e bebendo água, imaginem com que apetite enfrentamos o jantar da dona Maria. (CONCESSO,2004, p.72)

De Arapoema seguem para a Pau D'Arco seguindo uma estrada que levava a Jacu, porém o caminho era hostil, pois exigia um carro de muito arranque do jipe da prefeitura. Fizeram uso ainda de uma canoa. Dois professores rurais foram os guias que conduziam a canoa, porém não transmitiam confiança. Além de não saberem nadar, estavam embriagados. Após todo o medo e o estresse dessa aventura, chegaram a uma pensão cujo dono era responsável tanto pela igreja quanto pelo cabaré.

Novamente, encontramos as figuras da precariedade caracterizando as estradas tocantinenses, mas também o humor frente ao estranhamento com que as coisas se arranjavam nessas pequenas localidades, como é o caso de uma aparentemente pacífica convivência entre pecado (cabaré) e santidade (igreja), no lugar visitado. Vacinar a população envolvia, portanto, uma série de estratégias para enfrentar as agruras do percurso de estradas frágeis, o grande tempo despendido, à resistência das pessoas por desconhecimento das intenções dos agentes de saúde, numa região carente de atendimento médico. O vigário atua então como importante destinador, centralizando as ações determinantes para a vida do lugar. A fé lhe outorga o poder de influenciar os fiéis para as práticas demandadas pelo Estado. O enunciador atribui às pessoas do lugar a noção de ignorância, que pode ser pensada em termos menos pejorativos. Abandonados no interior do país, realmente ignoravam o que poderia ser o uso de vacinas ou outras práticas de prevenção, entregues às práticas populares de tratamento de doenças, já que não havia médicos que os atendessem.

E. TODOS POR UM

A crônica em primeira pessoa traz um painel da cidade de Araguaína e das localidades no entorno na década de 1960. Bastante figurativo, trata novamente da estrutura física de Araguaína, relatando que era difícil o acesso em função das estradas que não tinham pavimentação. Para ser possível enfrentar as estradas, era necessário utilizar jipes, único veículo com potência suficiente. Além disso, o motorista tinha que levar cordas, facão, machado e todos os tipos de ferramentas para qualquer imprevisto, já que não contaria com assistência e o trajeto era efetivamente penoso. Para acentuar as dificuldades de locomoção, Concesso narra informando que para ir de Araguaína até Carmolândia, distante 30 quilômetros, gastavam-se muito tempo.

Diante das agruras, contavam com a solidariedade. Como clérigo, viaja sempre junto ao vigário com seu jipe cinza, acompanhados por vezes do dono do cartório, do fotógrafo e da dona do salão de beleza. A equipe se dedicava ao trabalho social da igreja na visita da desobriga. Cada integrante colaborava de um modo. Assim, Jorge Frederico, o dono do cartório, ia com objetivo de fazer os casamentos, atendendo a seu ofício. Júlio, o fotógrafo, sempre muito alinhado cheio de acessórios cordões de ouro e relógio brilhante, tirava as fotos com intenção registrar casamentos e batizados. Esses registros ganhavam o pequeno formato do então popular binóculo. Dona Iolanda, dona de um salão de beleza da cidade, tinha como missão preparar as noivas para o casamento.

Afinal de contas, exceto o festejo do padroeiro ou no dia das eleições, não tinham outra oportunidade para manifestar os seus dotes de beleza (CONCESSO, 2004, p.79).

Nessa crônica, o tema central é o da solidariedade entre os participantes da comitiva da desobriga. Cada sujeito tem um papel temático a realizar na comunidade atendida: ao vigário cabe a bênção religiosa, ao fotógrafo o registro do acontecimento, ao dono do cartório o registro civil, etc. São muitos atores para garantir o sucesso da empreitada em condições bastante precárias, sem deixar de esquecer que mesmo a existência da desobriga já remete às dificuldades de acesso da população dos pequenos povoados a serviços elementares, como o próprio ofício religioso. Sem boas estradas e com poucos meios de locomoção, a chegada da comitiva constitui um acontecimento.

4.1 FIGURAS DA PRECARIIDADE E DA DIFERENÇA

Como já dissemos, trata-se de um livro de memórias, recortadas da experiência de um sujeito em movimento, que traz momentos de sua vida em diferentes localidades. Por isso mesmo, põe-se a ressaltar fatos experimentados em cada canto no que se apresenta de particularidades que ainda lhe impressionam os sentidos advindos do lembrar, pressupondo um leitor que não viveu o que o narrador viveu, que não pode saber como era esse tempo e esse lugar, na medida em que já não são mais os mesmos no agora, da enunciação.

Conforme Silva (2011), como todo ato de memória, as certezas históricas são substituídas pelas incertezas inerentes ao exercício de rememorar o passado. Assim, embora buscando efeito de realidade, conferida principalmente pelo caráter figurativo dos textos, não temos dados que nos ancorem, por exemplo, em tempo mais preciso, senão aquele de um indeterminado “então”. Sabemos que no primeiro conto aqui analisado se trata da chegada do autor a Araguaína, mas quando isso efetivamente se deu? De que momento mais preciso da história da cidade trata esse conto? Não encontramos esse dado no texto, informação que pode ser inferida apenas da biografia do autor.

Em “Meu primeiro picolé”, já na introdução, o autor deixa expressos os objetivos que orientam a escolha das histórias por ele narradas. Embora suas palavras expressem a preocupação com uma certa “fidelidade histórica” quanto aos dados que apresenta - em nome de uma “cultura” que vê como digna de ser preservada – explicitam também a incerteza quanto a sua capacidade de lembrar sem “vacilar”. (SILVA, 2011, p. 50-51)

Tal efeito de fidelidade pretendido pelo autor vai ser encontrado na figuratividade, pela capacidade do enunciador de acolher figuras que traduzam em imagens análogas ao “real”, a fim de caracterizar um modo de ser do lugar e de sua gente.

Uma das imagens pertencentes a Araguaína é a de festividade na cidade. O São João do Cerrado é considerado uma das maiores tradições no mês de Junho. E também há a cavalgada que acontece em Junho também que possui a fama de ser a maior do mundo, ou seja, algo único da cidade. Dito isso, pode-se notar que a

cultura reforça a produção do folclore com imagens e tradição e possui relação intrínseca com a figuratividade da precariedade de maneira contrastante.

“Na medida em que ia me aproximando de Araguaína, tudo era novidade. Acostumando às montanhas de Minas, agora trafegava em retas intermináveis.” (CONCESSO, 2004, p. 55)

Para o narrador ao vivenciar uma realidade diferente tornou-se demonstrado no primeiro momento a relação de comparação com outros lugares diferenciando sua percepção.

Há uma isotopia da precariedade atravessando as figuras dos contos analisados. Os contos possuem relação com a precariedade vivenciadas pelo narrador em Araguaína descrevendo suas experiências de maneira figurativa a fim de demonstrarem as dificuldades em tais contos.

Era um dia de sábado 1966. Araguaína era uma pequena cidade que não chegava aos sete mil habitantes. Ainda que não dispusesse de energia elétrica, correio, água encanada e nem um metro de esgoto, já dava sinais, pelo seu movimento, de que seria uma grande cidade; um centro de referência para as cidades vizinhas. (CONCESSO, 2004. p. 63)

O autor explora ao todo dos contos um conjunto de figuratividade na ambientação da cidade demonstrando através da visão do narrador tudo o que Araguaína tinha de precariedade sob a ótica dele e de terceiros além de apresentar os pontos positivos como potenciais que a cidade tinha e sendo fiel aos detalhes a fim de transmitir alguma veracidade aos leitores. Depreende-se que este conjunto de figuratividade traça um paralelo entre eufórico e disfórico resultando aos leitores em uma analogia ao passado e presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o Tocantins registre academias de Letras nas três maiores cidades do Estado e identifiquemos uma vasta produção de livros e muitos escritores, há ainda necessidade de pesquisas que sistematizem e analisem essa produção, buscando identificar as características da literatura produzida no Tocantins, as temáticas desenvolvidas, a qualidade dessa produção.

Selecionamos para este trabalho um livro de contos que já se acha em terceira edição, atestando, portanto, um número expressivo de leitores considerando tratar-se de uma região onde a circulação das obras é bastante precária e o custo das edições é garantido que exclusivamente por recursos dos próprios autores (DEBONI, 2007). Seu autor, José Francisco Concesso é ainda um dos mais dedicados promotores da literatura na região, atuando durante anos à frente da ACALANTO, cuja criação idealizou ao lado de outros parceiros de escrita. Seu reconhecimento como um dos principais autores se acha confirmado recentemente por uma edição da *Revista Superinteressante*, em edição de 2017 e de circulação nacional, que evidencia o prestígio do escritor no Estado.

Dedicamo-nos aqui a observar as imagens que produz sobre a Araguaína de um passado próximo, mas que se acha em relação de contraponto com o presente, dada a aceleração das modificações sofridas ao longo das últimas décadas. O imaginário rural ainda é forte e valorizado positivamente, como vemos no prestígio da festa pecuária, nos meses de junho, tendo na cavalgada que atravessa a cidade seu momento de ápice nas comemorações. De certo modo, porém, o enunciador vai edificando a ideia da superação da precariedade, como quem mostra que houve um enorme progresso capaz de mudar drasticamente a paisagem e os costumes da cidade. O pitoresco tempo de então resiste apenas como memória.

REFERÊNCIAS

CONCESSO, José Francisco da Silva. **Meu Primeiro Picolé: Crônicas, Contos e Ensaios**. 1. ed. Gurupi/TO: AGL; 2004.

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 10. ed. São Paulo: Atlas; 2010. p. 25.

ARAGUAÍNA. **Projeto pedagógico do curso de Letras: língua portuguesa e respectivas literaturas**. Araguaína: UFT, 2019.

BARROS, D. L. P. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

CARBONARI, P. Cultura: Mapa Literário: o escritor mais importante de cada Estado. **Revista Super Interessante** [online]. Publicado em 23 mar 2017, 21h52. Disponível em: <https://super.abril.com.br/blog/literal/mapa-dos-26-autores-mais-importantes-do-pais-estado-a-estado/> Acesso em: 25/04/2019

DEBONI, M. A. **O papel das academias de Letras na formação e caracterização da atividade literária no Tocantins**. 2007. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal Fluminense, Niterói.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2005. 4ª impressão.

Gil, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas; 2010.

JOSSO, M. C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida a narração de histórias de vida a narração de histórias de vida a narração de histórias de vida. **Educação**. Porto Alegre/RS, n. 3 (63), p. 413-438, 2007.

LARA, C. de B. Q. **A importância da memória para a construção da identidade: o caso da igreja Nossa Senhora Imaculada Conceição de Dourados/MS**. Disponível em:

<http://www.encontro2016.ms.anpuh.org/resources/anais/47/1477593926_ARQUIVO_AIMPORTANCIADAMEMORIAPARAACONSTRUCAODAIIDENTIDADE.pdf>.

Acesso em: 16/04/2019

Le Goff, J. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão ... [et al.]. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1990.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E.M. **Técnicas de pesquisa**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2009.

OLIVEIRA, R. **Jose Francisco da Silva Concesso**. Disponível em: <<http://rioespera.com/portal/2018/04/28/jose-francisco-da-silva-concesso/>>. Acesso em: 14/04/2019

ORLANDI, E. P. (org.). **Discurso fundador**. Campinas, SP: Pontes, 1993.

RODRIGUES, J. C. **Estado do Tocantins: política e religião na construção do espaço de representação tocantinense**. 2008. Tese (doutorado em Geografia) – UNESP, São Paulo.

SILVA, L. H. O. O passado que se faz presença: uma leitura de meu primeiro picolé , de José Francisco da Silva Concesso. **EntreLetras (Online)**, v. 01, p. 49-58, 2011.

SILVA, L. H. O. S. Memórias da guerrilha: acontecimento e história. In: Conrado Moreira Mendes; Gláucia Muniz Proença Lara. (Org.). **Em torno do acontecimento: uma homenagem a Claude Zilberberg**. Curitiba: Appris, 2016, v. 1, p. 141-162.

SILVA, L. H. O.; FERREIRA, G. P. C. Memórias de leitura e de leitores de professores da educação básica: diálogos entre semiótica e letramento literário. **Revista Philologus**, v. 69, p. 971-993, 2017.

SILVA, L. H. O.; REIS, N. V. O PARFOR como *locus* de formação de professores de leitores de literatura. **Educação e Políticas em Debate**, v. 3, p. 87-102, 2014.

SOUZA, C. M. Memória e oralidade: entre o individual e o social. Memória e Oralidade: entre o individual e o social. **Textos e Debates** (UFRR), v. 12, p. 10-15, 2007.

THOMPSON, P. **A voz do passado**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru: EDUSC, 2003.

ANEXO

ENTREVISTA - Segunda-feira de maio, 2019.

- 1 – Professor Francisco Concesso, onde e quando o senhor nasceu?
- 2 – Quando e por que o senhor veio morar no estado do Tocantins?
- 3 – O que o motivou a escrever textos literários?
- 4 – Sobre o livro “O meu primeiro picolé”, quais foram suas inspirações para a elaboração da obra?
- 5 – Considerando que o senhor é membro fundador da Academia Tocantinense de Letras (ACALANTO), como define a literatura tocantinense?
- 6 – Quais referências e influências literárias inspiraram a sua produção de literatura?